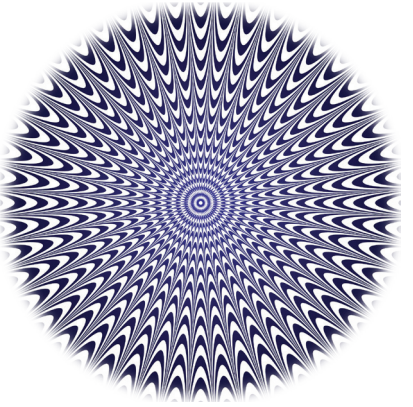
Série

Memórias do Espiritismo

Fotos e ilustrações da página anterior (de cima para baixo, a partir da esquerda):
Gabriel Delanne, Bezerra de Menezes, Allan Kardec, Leon Denis;
William Crookes, Alfred Russel Wallace, Alexander Aksakof, Oliver Lodge;
Yvonne do Amaral Pereira, Alfred Binet, Ernesto Bozzano, Arthur Conan Doyle;
Hercílio Maes, Caibar Schutel, Gustavo Geley, Eurípedes Barsanulfo;
Victor Hugo, Charles Robert Richet, Cesare Lombroso, Pierre Gaetan Leymarie;
Andrew Jackson Davies, Camille Flammarion, Francisco Cândido Xavier, Emanuel Swedenborg.

Reconhecemos a ausência de inúmeros expoentes do Espiritismo nesta galeria de imagens. Em razão do limitado espaço, escolhemos apenas algumas personalidades ilustres para representar todos aqueles que gostaríamos de homenagear.



Hipnotismo e Espiritismo

© 2025 – Conhecimento Editorial Ltda

HIPNOTISMO E ESPIRITISMO

CÉSAR LOMBROSO

Todos os direitos desta edição reservados à
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA.
Rua Prof. Paulo Chaves, 276 – Vila Teixeira Marques
CEP 13480-970 — Limeira — SP
Fone/Fax: 19 3451-5440
www.edconhecimento.com.br
vendas@edconhecimento.com.br

Nos termos da lei que resguarda os direitos autorais, é proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio — eletrônico ou mecânico, inclusive por processos xerográficos, de fotocópia e de gravação — sem permissão por escrito do editor.

Tradução: Margareth Rose A. F. Carvalho
Revisão: Monique Carvalho
Projeto gráfico: Sérgio Carvalho
Ilustração da capa: Banco de imagens

ISBN 978-65-5727-194-0

1ª Edição

Produzido no departamento gráfico de
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA
Impresso na

Rua Prof. Paulo Chaves, 276 – 13485-150
Fone: 19 99956-0006 – Limeira – SP

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Lombroso, César, 1835-1909

Hipnotismo e Espiritismo / César Lombroso [tradução Margareth Rose A. F. Carvalho]. — Limeira, SP : Editora do Conhecimento, 2025.

216 p. (Coleção Memórias do Espiritismo)

ISBN 978-65-5727-194-0

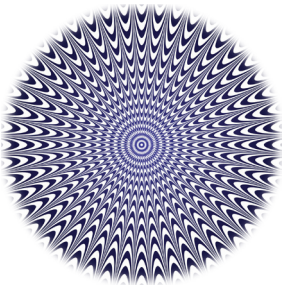
Título original: ***Hypnotisme et Spiritisme***

1. Espiritismo 2. Hipnotismo 3. Mediunidade 4. Materialização I. Título II Série

25-4288 CDD – 133.9

Índices para catálogo sistemático:
1. Espiritismo

César Lombroso



Hipnotismo e Espiritismo

1ª Edição – 2025

EDITORA DO CONHECIMENTO

Obras sobre magnetismo, sonambulismo, hipnotismo e afins, publicados pela **EDITORA DO CONHECIMENTO**:

Tratado de Sonambulismo – Alexandre Bertrand

Esboço da Natureza Humana – Casimir Chardel

Curso de Magnetismo Animal em Doze Lições – François Millet

Ensaio de Psicologia Fisiológica – Casimir Chardel

Manual de Psicometria – Joseph R. Buchanan

A Alma das Coisas – Willian Denton

O Magnetismo em Oposição à Medicina – Barão Du Potet

A Arte de Magnetizar – Charles Lafontaine

Tratado Completo de Magnetismo Animal – Barão Du Potet

A Causa do Sono Lúcido – Abade Faria

Os Eflúvios Ódicos – Barão de Reichenbach

Cartas Ódico-magnéticas – Barão de Reichenbach

Memórias e Aforismos – Franz Anton Mesmer

DEPOT L
No.
191

Bibliothèque de Philosophie scientifique

CÉSAR LOMBROSO

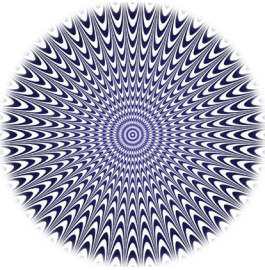
Hypnotisme et Spiritisme

TRADUCTION DE CH. ROSSIGNEUX

PARIS
ERNEST FLAMMARION, ÉDITEUR
26, RUE RACINE, 26

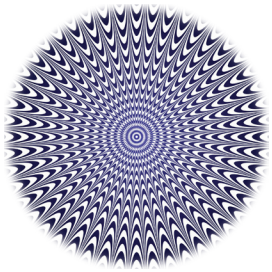
1910

Droits de traduction et de reproduction réservés pour tous les pays, y compris la Suède et la Norvège.



Sumário

Introdução 11
Prefácio do autor 14
Primeira parte: Hipnotismo 16
Alguns fenômenos hipnóticos e histéricos 16
Segunda parte – Espiritismo 36
Capítulo I – Fenômenos espíritas de Eusápia 36
Capítulo II – Resumo dos fenômenos mediúnicos de Eusápia 50
Capítulo III – Fisiopatologia de Eusápia. – Influência e ação dos médiuns 56
Capítulo IV – Condições e efeitos da mediunidade 61
Capítulo V – Médiuns e feiticeiros entre os selvagens, os camponeses e os antigos 67
Capítulo VI – Limites da influência do médium 99
Capítulo VII – Experiências fisiológicas com médiuns 107
Capítulo VIII – Fantasmas e aparições dos desencarnados 113
Capítulo IX – Fotografias transcendentes 119
Capítulo X – Identificação dos Fantasmas 127
Capítulo XI – Duplos 136
Capítulo XII – Casas assombradas 144
Capítulo XIII – Crença nos Espíritos dos mortos entre os selvagens, os bárbaros e os antigos 160
Epílogo 170
Capítulo XIV – Esboço de uma biologia dos Espíritos 170
Capítulo XV – Fraudes Inconscientes e Telepatia 181
Anexo – William H. Mumler, o pioneiro da fotografia espiritual 190



Introdução

Os leitores familiarizados com minhas pesquisas sobre o *Renascimento da Magia* talvez se surpreendam ao ver publicado, em uma coleção que dirijo, um livro destinado a justificar a existência dos fenômenos espíritas, quando eu mesmo procurei demonstrar que eles são fruto de meras ilusões. Essas ilusões não são apenas geradas por fraudes, mas principalmente pelo poder sugestivo de certos médiuns. Esse poder varia conforme a mentalidade dos presentes, e é por isso que o mesmo médium produz, dependendo dos observadores, efeitos bastante diferentes. Aquele que revelou coisas tão maravilhosas a Lombroso não conseguiu mostrar nada semelhante aos membros do Instituto Psicológico de Paris, nas numerosas sessões dedicadas à sua observação.

Poder-se-ia, portanto, considerar inútil discutir novamente essas ilusões, mas sua gênese apresenta, para o filósofo, um interesse imenso. Ela lança, de fato, uma luz brilhante sobre as causas do surgimento e do desenvolvimento das grandes crenças que permeiam a história e determinaram o curso das civilizações.

O estudo da formação dessas crenças constitui um dos problemas mais difíceis da psicologia. É tão complexo que os mestres dessa ciência mal o abordaram. Enquanto os trabalhos relativos ao mecanismo do conhecimento se multiplicam, os dedicados à formação das crenças são muito raros e geralmente bastante medíocres.

Espero demonstrar, em um próximo livro, que o estudo da gênese das crenças deve ser abordado por via experimental e que os métodos da lógica racional, utilizados na construção

do conhecimento, não servem de modo algum para interpretar opiniões e crenças.

Essa verdade, ainda bastante nova, tornou-se clara para mim após certas investigações psicológicas e, sobretudo, quando circunstâncias particulares me levaram a examinar os fenômenos espíritas. Constatei, então, que ilustres cientistas, especialistas acostumados aos rigorosos métodos laboratoriais, passam a admitir rapidamente como indubitáveis fenômenos tão miraculosos quanto os das mais fantásticas lendas. Eles nos falam de aparições de fantasmas que revelam segredos do além, de desdobramento dos vivos, de médiuns capazes de alterar o peso dos objetos à vontade, de guerreiros com armaduras surgindo do corpo de jovens e circulando entre os presentes. Tais fatos provam que, ao sair do campo do conhecimento para entrar no da crença, o cientista vê sua psicologia transformar-se por completo. Os motivos geradores de suas certezas são então totalmente transpostos. No domínio da crença, o sábio não supera o ignorante. A prudência do homem de laboratório logo cede lugar a uma credulidade sem limites.

Este livro fornecerá provas disso em cada página. Seu autor é um renomado cientista, habituado aos métodos científicos mais seguros. No entanto, ao estudar os fenômenos espíritas, sua ciência se esvaiu, substituída por uma credulidade infinita. Por isso, a leitura de sua obra é altamente instrutiva. Essa é uma das razões que me levaram a traduzi-la. Além disso, ela tem o mérito de apresentar um panorama bastante completo dos fenômenos que os espíritas afirmam realizar.

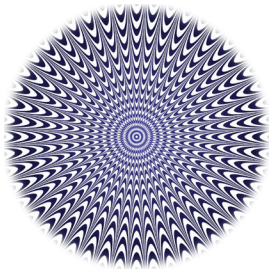
Não examinarei aqui as causas da credulidade que pode afetar os cientistas ao adentrarem o domínio da crença, pois pretendo estudar esse problema em outra obra.

O livro do professor Lombroso e todos os demais do mesmo gênero servem como documentos para tal estudo. O leitor verá claramente que, no âmbito da crença, a credulidade não tem fronteiras e que uma razão muito lúcida pode ser impotente para dissipar ilusões criadas pelos sentimentos e pela sugestão. Esta obra também mostra o quanto é difícil até para os espíritos mais instruídos prescindir de uma religião, ou seja, de uma fé diretora capaz de orientar seus pensamentos.

O Espiritismo é, inegavelmente, uma nova fé em formação — e abunda em milagres tanto quanto as que o precederam.

O homem às vezes muda o nome de seus deuses, mas sua mentalidade religiosa parece indestrutível. Ela faz parte dos sentimentos instintivos que nos governam e sobre os quais a inteligência exerce uma ação muito fraca.

Gustave Le Bon



Prefácio do autor

> Quantas coisas nos serviam ontem de artigos de fé, que hoje nos parecem fábulas.
>
> Montaigne

Quando decidi escrever um livro sobre os fenômenos ditos espíritas, após uma vida dedicada ao desenvolvimento da psiquiatria e da antropologia criminal, meus melhores amigos me sobrecarregaram de objeções, dizendo que eu arruinaria minha reputação. Apesar de tudo, não hesitei em continuar, acreditando que era meu dever coroar minha carreira de lutas pelo progresso das ideias, lutando pela ideia mais contestada e desprezada do século.

Meus adversários, aliás, têm algumas boas razões. Não faz muito tempo, eu pensava como eles. O Espiritismo parece incompatível com o monismo[1], uma das maiores conquistas modernas. Comparados à precisão e constância dos fatos científicos — sempre idênticos a si mesmos e coerentes no tempo e no espaço —, os fenômenos espíritas, variáveis conforme os métodos, os horários e as disposições dos presentes, conservam algo de fugidio e incerto, mesmo sob o controle de instrumentos precisos e observadores rigorosos como Morselli, De Vesme, Crookes, Richet, Lodge, James, Hislop, Wallace, Bottazzi, De Rochas, Herlitzka, Foa, D'Arsonval, entre outros.

Porém, se as observações isoladas parecem apresentar esse caráter, seu conjunto forma um bloco de provas que desafia o ceticismo — tanto mais que o estudo atual da radioatividade revela ao menos uma aparente exceção ao grande

[1] Doutrina que reduz a realidade a uma substância única, seja material ou espiritual.

princípio "não há função sem órgão, nem manifestação de energia sem perda de substância"[2].

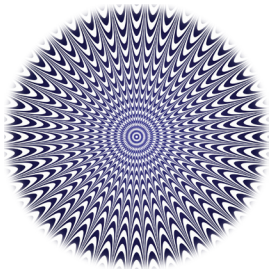
Além disso, as conclusões do Espiritismo não contradizem o monismo, pois a alma, reduzida a uma matéria fluídica — visível e palpável em certos casos —, continua pertencendo ao mundo material. É isso que, pela primeira vez, reconcilia a experiência científica com a experiência de todos os séculos e povos, desde os antigos e selvagens até os civilizados atuais — experiência cristalizada nas lendas religiosas, que, pela quantidade e concordância de testemunhos (ainda que não por sua qualidade), lhes conferem uma autoridade ao menos igual, se não superior, ao pensamento dos grandes filósofos.

Por isso, nestas pesquisas, evitei conclusões teóricas, preferindo fazê-las brotar no espírito do leitor apenas da massa dos fatos, fortalecidos pelo consenso universal. No entanto, estou longe de pretender uma certeza absoluta. Após esses estudos árduos, a hipótese espírita nos surge como um oceano imenso, do qual emergem aqui e ali algumas ilhas — onde só o geógrafo vislumbra os traços de um antigo continente, enquanto o vulgo zomba de sua hipótese, audaciosa apenas na aparência.

Antes de concluir, dirijo meus mais vivos agradecimentos aos Srs. Marzorati, Ochorovicz, Richet e De Vesme, que gentilmente me aconselharam e auxiliaram.

César Lombroso
Outubro de 1909

[2] A afirmação "não há função sem órgão, nem manifestação de energia sem perda de substância" é uma lei fundamental da biologia e da física que descreve a relação intrínseca entre estrutura e função, e a transformação de energia em sistemas biológicos. Para a função biológica existir, é necessário um órgão ou estrutura específica que a execute. Da mesma forma, a energia não surge do nada, mas é transformada a partir de alguma forma de substância ou matéria, gerando um subproduto ou uma perda de eficiência, pois a energia não pode ser criada nem destruída, apenas transformada. N.E.



Primeira parte: Hipnotismo

Alguns fenômenos hipnóticos e histéricos

Ninguém foi mais hostil ao Espiritismo do que eu, tanto por formação científica quanto por inclinação pessoal. Sempre considerei um axioma que toda força é uma propriedade da matéria e todo pensamento uma função do cérebro, e sempre ridicularizei as mesas girantes. Mas a paixão pela verdade e pelos fatos observados acabou superando minha fé científica.

Assim, depois de ter sido um adversário do Espiritismo a ponto de negar todas as experiências e me recusar a testemunhar qualquer uma delas, fui obrigado a reconhecer, já em 1882, fenômenos psíquicos estranhos que a ciência não consegue explicar — e dos quais só pode dizer que acompanham a histeria[3] e a hipnose.

1. Transferência de sensações na histeria e na hipnose

Naquele mesmo ano de 1882, fui chamado certa manhã para examinar a Srta. C. S., de 14 anos, filha de um pai inteligente e ativo e de uma mãe lúcida e vigorosa, mas cujos dois irmãos haviam tido um crescimento anormalmente ace-

[3] A definição de "histeria" no contexto do século XIX é um tema complexo que vai muito além do significado moderno da palavra. Era um diagnóstico médico amplo e nebuloso, aplicado quase exclusivamente a mulheres, que agrupava uma enorme variedade de sintomas físicos e psicológicos, muitos dos quais hoje seriam diagnosticados como condições neurológicas, psiquiátricas ou até ginecológicas. Qualquer sintoma que não tivesse uma causa física óbvia podia ser classificado como histeria. A lista era imensa:
Sintomas Emocionais/Psicológicos: Ansiedade, irritabilidade, insônia, "tendências dramáticas" ou "causadoras de problemas", depressão, desmaios.
Sintomas Físicos: Paralisias ou fraquezas musculares, cegueira temporária, surdez, afonia (perda da voz), convulsões, sensação de um nó na garganta (*globus hystericus*), dores de cabeça, espasmos, náuseas e retenção urinária.

lerado na puberdade, acompanhado de distúrbios pulmonares. A jovem, de físico gracioso e estatura de 1,54m, também tivera um crescimento súbito de 15cm na puberdade. Sua primeira menstruação foi acompanhada de sintomas histéricos: vômitos e dispepsia. Dois meses depois, surgiram crises de convulsões histéricas e hiperestesia, a ponto de ela confundir um fio colocado em sua mão com uma barra de ferro. No mês seguinte, manifestaram-se cegueira e os chamados "pontos histéricos" nos dedos — bastava tocá-los para desencadear convulsões, movimentos reflexos intensos nas pernas, contrações e um aumento súbito da força muscular de 32 para 47kg no dinamômetro, apenas com a pressão da mão.

Foi então que começaram a aparecer fenômenos extraordinários. Após episódios de sonambulismo — acompanhados de aumento de atividade, afetividade e mudanças de personalidade —, ela perdeu a visão pelos olhos, mas adquiriu a capacidade de enxergar pela ponta do nariz e pelo lóbulo esquerdo da orelha, mantendo a mesma acuidade visual (7º grau na escala de Jaeger). Dessa forma, conseguia ler uma carta e distinguir os números de um dinamômetro.

Ela apresentava reações peculiares quando esses órgãos — que chamaremos provisoriamente de "transpostos" — eram estimulados. Por exemplo, um dedo ou um feixe de luz direcionado à orelha ou ao nariz a fazia irritar-se, gritar que estavam tentando cegá-la e levantar o braço em um gesto defensivo.

A mesma transposição ocorria com o olfato. Não havia reação ao *assa-foetida*[4] ou ao amoníaco colocados sob o na-

[4] Ferula asafoetida é uma planta herbácea da família das umbelíferas. É uma resina de óleo obtida do rizoma e da raiz da planta. Esta especiaria é usada como auxiliar digestivo, na alimentação como condimento e em picles. É usada na fitoterapia moderna no tratamento de histeria, algumas condições nervosas, bronquite, asma e coqueluche. Foi empregada no tratamento de pneumonia infantil e cólica flatulenta. A resina de goma é antiespasmódica, carminativa, expectorante, laxativa e sedativa. O óleo volátil da goma é eliminado pelos pulmões, tornando-se um excelente tratamento para asma. O odor da asafoetida é transmitido ao hálito, secreções, flatos e eructações gástricas. Suas propriedades são antiespasmódica, expectorante, estimulante, emenagoga e vermífuga. A asafoetida também tem sido usada como sedativo. Também afina o sangue e reduz a pressão arterial. É amplamente utilizada na Índia como alimento e como medicamento em sistemas medicinais indianos como o Ayurveda. A assa-fétida é muito apreciada na medicina indígena, especialmente no sistema Unani, desde os tempos mais remotos. – Fonte: ***https://pmc-ncbi-nlm-nib-gov.translate.goog/articles/PMC3459456/?_x_tr_sl=en&_x_tr_tl=pt&_x_tr_hl=pt&_x_tr_pto=tc*** (22/08/2025)

riz, mas substâncias menos intensas, aplicadas sob o queixo, a afetavam profundamente. Mais tarde, o olfato transferiu-se para o calcanhar: diante de odores desagradáveis, ela agitava os pés e o corpo inteiro; diante de aromas agradáveis, permanecia imóvel, sorridente e com respiração acelerada.

Em seguida, desenvolveu lucidez profética, prevendo com exatidão — às vezes com quinze dias de antecedência — o dia e a hora de suas crises e o metal que as aliviaria. Posteriormente, previu eventos para seu irmão e seu pai que se cumpriram dois anos depois. Também conseguia ver à distância acontecimentos no exato momento em que ocorriam.

Esses fenômenos não são isolados. Já em 1808, Petetin estudara oito mulheres em catalepsia cujos sentidos externos haviam se transferido para o epigástrio e para os dedos das mãos e dos pés. Carmagnola, em 1840, descreveu um caso semelhante ao nosso: uma jovem de 14 anos, também recém-menstruada, com tosse convulsiva, cefaleia, desmaios, espasmos, dispneia, contrações faciais acompanhadas de cantos, sonos que duravam até três dias e acessos sonambúlicos durante os quais enxergava nitidamente com as mãos e lia no escuro. Nela, como em nossa C. S., a aplicação de ouro e prata acalmava a agitação e restaurava a alegria.

Despine menciona o caso de Estelle de Neuchâtel, uma menina de 11 anos que ficou paraplégica após uma lesão nas costas e melhorou com banhos em Aix. Nela, o magnetismo transferia a audição para as mãos, cotovelos e ombros e, durante crises letárgicas, para o epigástrio, com excitação muscular sob a influência do ouro.

O Dr. Angonoa estudou, em 1840, a jovem G. L., de 14 anos, que desenvolveu neurose após um trauma emocional. Em estado sonambúlico, enxergava com a nuca e distinguia odores com o dorso da mão. Posteriormente, visão e audição transferiram-se para o epigástrio. Outra paciente do mesmo médico, uma mulher de 22 anos com histeria e epilepsia, via pela nuca e pelo epigástrio durante o sonambulismo e sentia odores pelos pés. Ela afirmava ver 33 vermes dentro do próprio corpo, que expeliu pouco tempo depois.

Tais fatos lembram o que já se sabia sobre sonâmbulos,

que distinguem objetos com as pálpebras fechadas — claramente enxergando por outros meios que não os olhos. Preyer, Berger e, mais recentemente, Heidenhain observaram casos semelhantes, atribuídos à hiperestesia tátil e visual. Mas essa explicação só dá conta da visão em ambientes escuros, não da transferência sensorial em casos onde sensibilidade tátil e visual se fundem. Aqui, a percepção visual ocorre em pontos específicos da pele, enquanto a sensibilidade tátil é medíocre e não explica a leitura de manuscritos.

Se autores modernos ignoraram esses casos ou os trataram como ilusões, foi por uma tendência louvável — ainda que exagerada — de só aceitar fatos cientificamente explicáveis. Foi assim que, apenas tardiamente, se admitiram os efeitos dos ímãs e muitos fenômenos empiricamente comprovados por magnetizadores (catalepsia, hipnose, hiperestesia), hoje incontestáveis e relativamente bem explicados.

A verdade é que não há explicação verdadeiramente científica para esses fatos, que estão no limiar do que podemos chamar, com justeza, de mundo oculto — precisamente por ser inexplicado.

A lucidez, portanto, só pode ser parcialmente explicada por uma espécie de auto-sugestão ou por uma intensificação daquela consciência instintiva que torna o moribundo atento em seus últimos momentos. Aliás, a excitação extraordinária do estado sonambúlico proporciona uma percepção mais nítida do organismo, onde estão registradas, em potência, as fases sucessivas da neurose.

A esses fatos soma-se um fenômeno observado pela primeira vez por Salvioli: durante o sono, o fluxo sanguíneo para o cérebro é maior do que na vigília, aumentando a atividade psíquica assim como a excitabilidade muscular.

Mas essa explicação falha quando a lucidez se estende à previsão de eventos futuros e tampouco esclarece a transferência dos sentidos. O que fica claro é que tais fenômenos ocorrem em sujeitos histéricos e durante os acessos hipnóticos da grande histeria.

2. Transmissão de pensamento

Observações semelhantes aplicam-se aos casos — até recentemente pouco conhecidos — de transmissão de pensamento. Estudei com Grimaldi e Ardù o caso de E. B. de Nocera, um jovem de 20 anos que desenvolveu histeria após um amor não correspondido. Características marcantes: rosto assimétrico, traços femininos, sensibilidade a metais (especialmente cobre e ouro), simpatias e antipatias excessivas, fobia do escuro e humor instável. Altamente sugestionável (a ponto de ignorar picadas e cortes sob comando), ele também apresentava transferência sensorial e transmissão de pensamento. Adivinhava palavras e números pensados por outros e reproduzia figuras desenhadas atrás dele, mesmo de olhos vendados. Paralelogramos, círculos e polígonos eram razoavelmente bem copiados, com hesitações mínimas. Figuras humanas e aves saíam menos precisas, mas sem erros de interpretação. Escreveu corretamente os nomes *Marguerite* e *Andrée* quando mentalmente sugeridos.

Experiências mais recentes, conduzidas pelo Dr. Guthrie e pelo professor Herdmann da S*ociedade Inglesa de Pesquisas Psíquicas*, foram documentadas em um volume. A participante, Miss Relph, sentava-se enquanto objetos (papéis coloridos, uma espada, moedas de ouro, cartas de baralho etc.) eram escondidos atrás de uma cortina. Suas respostas foram exatas, exceto por pequenas hesitações em detalhes de forma ou cor.

O fenômeno está intrinsecamente ligado ao estado hipnótico. Em meus próprios testes com 20 indivíduos que adivinhavam nomes em cartões ou números, 12 eram neuróticos — e justamente esses acertavam mais rápido e melhor, principalmente vendados e com os ouvidos tampados. Em três casos, o contato físico facilitava a "leitura"; em outros três, não fazia diferença. Um sujeito só recebia pensamentos de pessoas amadas. Notavelmente, figuras humanas transmitiam-se melhor que formas geométricas ou flores. Para alguns, álcool e café potencializavam o efeito. Mas essas observações pessoais são modestas diante dos milhares de casos melhor controlados na Inglaterra e França.